

## Depois

Laurent Moreau

*Ilustrações do autor*

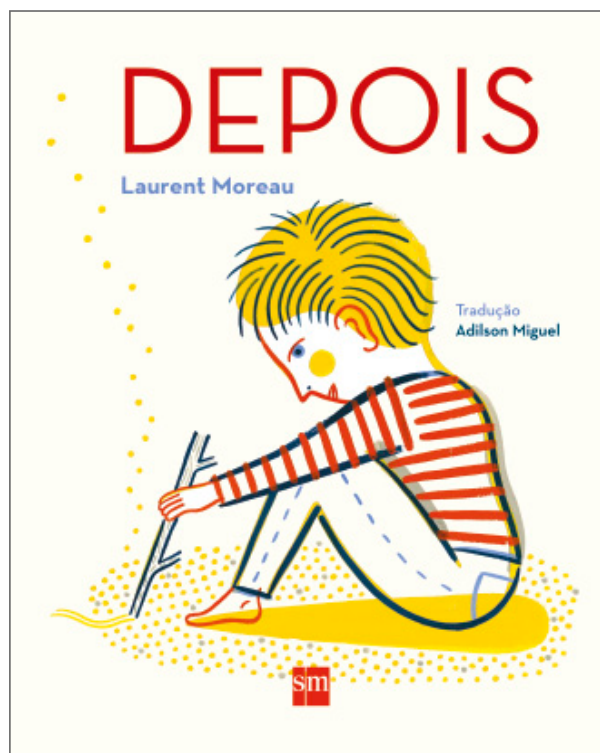
*Tradução Adilson Miguel*

*Nível leitor 8 - 9 anos*

*Anos escolares 3º - 4º anos*

48 páginas

**TEMAS** Infância / Tempo / Percepção /  
Autoconhecimento / Emoções



O AUTOR E ILUSTRADOR Laurent Moreau nasceu em 1982, em Estrasburgo, França. Artista plástico, fotógrafo e músico, tem dez livros lançados e colabora com a revista norte-americana *The New Yorker*. Seu estilo é conhecido pelo uso de poucas cores, com predominância de tons frios e pastel, e de contrastes, para conseguir volume. Ele sempre começa trabalhando manualmente, com tinta e pincel sobre seus cadernos, e só depois passa ao tratamento digital das imagens. Além de pintar e ilustrar, também se dedica à produção de polaroides, técnica fotográfica feita com câmera instantânea (não digital), em que a revelação do filme ocorre assim que a foto é tirada. Muitas de suas fotografias retratam os lugares por onde se apresenta com seu projeto musical, o duo Nolène, e podem ser vistas, ao lado de suas ilustrações, em suas páginas na internet (em francês): <http://zeroendictee.free.fr> e <http://laurentmoreau.tumblr.com>.

O LIVRO *Depois* fala sobre a passagem do tempo e como seu caráter contínuo e inesgotável é apreendido por uma criança. Além disso, explora as consequências das ações, com ênfase nas emoções e nos sentimentos deflagrados por elas.

Ao longo de um ano, o menino narrador aprende a identificar o que vem antes e depois na ordem natural dos eventos — primeiro a chuva, depois as poças; primeiro a semente, depois o fruto — e também a extrair desse conhecimento a força para seguir adiante em seu processo de amadurecimento.

Ele compreende que, assim como depois do inverno vem a primavera, depois da ausência ou da separação vem o reencontro. Observando tanto as transformações produzidas pela ação inevitável do tempo como o que permanece intacto ao longo dos ciclos, descobre que ele e sua família, embora diferentes de antes, não deixaram de existir.

## VALORIZAÇÃO DO PRESENTE

A ideia de que o instante presente deve ser vivido em sua plenitude, antes que se torne passado, é popular na história da cultura ocidental desde pelo menos o século IV a.C., quando Epicuro (341-270 a.C.), proeminente filósofo grego em cuja escola havia um amplo jardim, ensinava seus discípulos a valorizar as coisas simples da vida. O fato de estarem vivos era suficiente para celebrar. Portanto, o melhor uso da inteligência humana era a aceitação do caráter passageiro da existência e a busca do prazer até nas coisas mais banais.

Na literatura, os ecos do Epicurismo puderam ser ouvidos três séculos mais tarde, quando o poeta romano Horácio (65-8 a.C.) cunhou a expressão em latim *carpe diem* (“aproveite o dia”), que se tornou muito popular e resume bem as ideias de Epicuro. No Brasil, os poetas do período neoclassicista, também conhecido como Arcadismo, retomaram essa expressão e, por meio dela, construíram uma retórica de elogio à temperança, à vida simples e ao Humanismo inspirado pela vitória da Revolução Francesa, em que tanto a hierarquia do poder como a do pensamento foram postas em xeque e preteridas em favor do ideal de igualdade entre os homens.

Seja na história da literatura, seja na da política ou na da filosofia, a adesão ao mote *carpe diem* marcou uma posição de crítica ao pensamento dualista, que em todas as épocas da história se caracterizaria pela separação radical de esferas tidas como opostas. Nessa perspectiva, alma e corpo, ideal e possível, sim e não jamais se tocam. O principal legado da filosofia epicurista foi justamente aproximar esses extremos, aceitando a inconstância da vida e, ao mesmo tempo, combatendo o pessimismo por não poder dominá-la por meio de uma postura de contentamento e aceitação. Fosse vivo no século XX, talvez Epicuro aplaudisse o verso de Vinicius de Moraes: “que seja infinito enquanto dure”.

Em uma comovente jornada pelo tempo, o pequeno narrador aprende a identificar o passado e a prever eventos futuros, a esperar com otimismo pelos dias que virão e a identificar o que vale a pena preservar. No entanto, a principal lição que retira da experiência é a **valorização do presente**, pois, como ele mesmo afirma no final, “antes do depois, existe o agora”, que, como tal, não se repetirá.



## OBRA EM CONTEXTO

### AS CORES DAS ESTAÇÕES

Em *Depois*, as imagens dizem tanto quanto as palavras, por isso é impossível compreender o sentido da história sem uma leitura atenta das ilustrações. Embora o tema central do livro seja o tempo, é na dimensão do espaço que se dá a discussão. Isso porque o menino narrador não concebe a passagem do

tempo como algo impalpável, e sim como um conjunto de sinais visíveis que o levam a distinguir a primavera, o verão, o outono e o inverno. Assim, é preciso acompanhar de perto o que ele observa e descreve para compreender como entende as estações e de que maneira as relaciona com os próprios sentimentos.

Por isso, em sala de aula, vale a pena propor questões que façam com que os alunos observem as ilustrações mais criticamente, tomando como eixos as quatro estações do ano. Por exemplo, o que o menino está fazendo quando o texto diz que é primavera? Diante dessa pergunta, a turma perceberá que ele realiza atividades diretamente associadas à natureza, ora regando o jardim, ora observando o germinar de uma semente, ora tomando banho de chuva. No verão, por sua vez, o menino aparece, por exemplo, nadando sem camiseta, correndo no campo e jogando-se na grama. No outono, assume uma atitude mais contemplativa, indo de ambientes abertos a fechados. No inverno, usa gorro, cachecol, casaco, luvas, e sucedem-se mais cenas no interior da casa do que nas páginas anteriores.

No episódio da briga dos pais (ver imagem ao lado), a inter-relação entre texto e imagem fica bastante clara. Ainda que o assunto não seja mencionado no texto, o desentendimento parece sugerir a probabilidade de uma separação (pelo menos do ponto de vista do menino). Essa interpretação é autorizada pela apreciação da imagem, em que o pai e a mãe aparecem de costas um para o outro, envolvidos por uma série de gotas coloridas, cuja natureza é revelada pelo texto: são lágrimas, e não gotas de chuva, como se poderia pensar observando apenas a ilustração.





PRIMAVERA .....> INVERNO



CORES QUENTES .....> CORES FRIAS

Além da composição dos desenhos, a cartela de cores é outra marca visual importante, que também influencia a maneira de ler a história. Conforme vão se sucedendo as estações do ano, a coloração predominante nas páginas torna-se mais fria. Na primeira metade do livro, evidenciam-se cores quentes; vermelho e amarelo dão o tom da primavera e do verão. Na segunda metade, à medida que a história se aproxima do inverno, as ilustrações vão se tornando mais cinzentas e azuladas. Os tons intermediários, como laranja (vermelho ao qual se acrescentou amarelo) e marrom (laranja com um pouco de azul), funcionam como uma “liga”, que balanceia os dois extremos e confere unidade ao conjunto.

Por isso, é importante compartilhar com os alunos os aspectos imagéticos da obra, indo além das discussões sobre o texto. Mais do que mostrar a diferença entre cores quentes e frias, é fundamental ressaltar a predominância de certos aspectos das ilustrações ao longo do livro. Por exemplo: todos os amarelos são iguais? E os azuis? O que o autor-ilustrador quis dizer/mostrar com isso? O que se espera com essas questões é levar os alunos a perceber a relação entre os sentimentos do menino e as cores usadas, que retratam não só as estações, mas os estados emocionais do protagonista. Os tons frios sugerem circunspeção e isolamento; os quentes, companhia e disposição para compartilhar. Questões simples como essas são suficientes para despertar o sentido de observação e estimular a capacidade crítica e interpretativa das crianças.

## RECURSOS LINGUÍSTICOS

A história contada em *Depois* começa na primavera. As imagens coloridas de flores, sementes, frutos exóticos e pequenos animais confirmam essa leitura. O texto da primeira página, no entanto, remete o leitor ao passado, a um tempo não representado na ilustração: “Depois do inverno, a primavera mostra outra vez suas cores”. Mas por que mencionar o inverno, que já passou, quando se pretende falar da primavera? Por que o autor teria recuado no tempo para falar do presente?

Na verdade, fazemos isso o tempo todo na linguagem cotidiana. Usamos alguns “truques” para nos referir a eventos e coisas que não estão presentes no “aqui e agora” e que, portanto, não podem ser comunicados com gestos. Como dizer a alguém que algo que não está mais ali realmente aconteceu ou que alguma coisa vai acontecer? Entre outros recursos da língua, é possível usar advérbios como “antes” e “depois” e locuções adverbiais (“à noite”, “de manhã”) ou expressões como “de novo” e “outra vez”.

Marcas linguísticas como essas são verdadeiros passaportes para uma viagem no tempo. Sem elas, não seríamos capazes de construir um conhecimento sólido do mundo, tampouco exprimir a regularidade com que certos eventos ocorrem e tornam a ocorrer. Basta pensar na relação entre dia e noite: se a linguagem só nos permitisse falar do presente, jamais conseguiríamos conceber a ideia de um dia completo, muito menos a soma dos dias em semanas, meses, anos. O próprio aniversário mostra bem essa concepção de ciclos que empregamos nas medidas de tempo. Cada vez que se completam doze meses do nascimento, a pessoa comemora um aniversário, palavra que vem do latim *anno* (ano) e *conversus* (virada), significando o que se repete, o que volta todos os anos.



## CICLOS TEMPORAIS

Compreender a passagem do tempo é ser capaz de enxergar que algo se repete dia após dia e de aceitar que tudo se modifica em cada instante. O sol, por exemplo, nasce todas as manhãs, mas nem por isso podemos dizer que um dia é igual ao outro. O que muda e o que se mantém igual ao longo de um ano? Essa é a questão central com que lida o protagonista do livro.

## PERMANÊNCIA, MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

A ideia do Universo em constante mutação está por trás de uma das frases mais conhecidas de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.): “Nunca entramos duas vezes no mesmo rio”. Comparando o avanço do tempo às águas de um rio, o filósofo grego acreditava ser impossível conceber a repetição de um instante. Quando entramos em um rio pela segunda vez, nem as águas são exatamente aquelas em que nos banhamos antes (elas já teriam corrido rio abaixo, com o movimento natural da corrente) nem nós somos o que éramos, alterados pelo mesmo efeito temporal. Por isso a máxima de Heráclito é praticamente irrefutável. Não há quem seja capaz de negar que o tempo passa e que tudo o que é vivo um dia morre.

Posteriormente, outros pensadores avançaram nessa questão, analisando-a de outro ângulo: o que parece se manter, apesar da inegável transformação das águas desse rio. É o caso de Galileu Galilei (1564-1642) no século XVII, ao demonstrar que um objeto só pode ser considerado em movimento se comparado a outro que está imóvel. Isso quer dizer que a noção de deslocamento no espaço não existe por si só, como pensava Heráclito: trata-se antes de tudo de uma noção relacional, ou seja, depende de um observador, de um ponto de referência estacionário no tempo e no espaço (por exemplo, um homem parado enquanto outros correm), em relação ao qual se poderia estar em movimento ou inerte.

Sem que todos a seu redor se dessem conta da genialidade de sua descoberta, Galileu — condenado pela Inquisição por provar que a Terra girava em torno do Sol — transformou para sempre a maneira como os homens concebiam o mundo e eles próprios. Dizer que é preciso haver um ponto de referência para, em relação a ele, afirmar se um objeto está ou não em movimento era como se Galileu fincasse uma âncora na vertiginosa corredeira do rio de Heráclito.

Um século se passou até Antoine Lavoisier (1743-1794) conseguir sintetizar de maneira surpreendentemente simples a noção de que movimento e permanência não se anulam, mas complementam-se. Na formulação de sua célebre Teoria da Conservação de Massa, o químico francês lançou uma de

Em seus termos, ele se pergunta no dia do aniversário: “Depois de muitos anos, será que continuarei o mesmo?”

Não é uma pergunta banal. Conciliar a certeza de que tudo muda com a de que algumas coisas permanecem iguais é uma etapa essencial do amadurecimento humano. Sem a certeza de que tudo estará em seu devido lugar no dia seguinte, as crianças não são capazes de se despedir do dia e receber com tranquilidade a escuridão da noite, nem de acreditar que o professor e os colegas continuarão existindo durante as férias — e imagine-se o medo que sentem de perder aqueles de quem mais gostam e com os quais já estão acostumadas! Portanto, é fundamental trabalhar com elas a noção de ciclos, para que entendam que um ciclo pode recomeçar e se entreguem com segurança ao momento que estão vivendo.

Diferentemente de uma linha horizontal, em que os pontos de partida e de chegada nunca se encontram (caso da representação do tempo linear, em que os eventos, únicos e irreversíveis, sucedem-se de modo contínuo e finito), a representação cíclica do tempo — foco do livro — traz em si a ideia de repetição, sendo por isso representada como um círculo, em que cada ciclo tem início e fim no mesmo ponto, perpetuamente. Por exemplo, todo dia 1º de janeiro começa um novo ano, formado por 365 dias sucessivos (ou 366, em ano bissexto), os quais, após 31 de dezembro, voltam a ser contados novamente. O mesmo vale para os dias da semana: de domingo a sábado, a sequência dos dias nunca é interrompida, ou seja, depois do último dia de uma semana (sábado) vem o primeiro da próxima (domingo). É assim com todas as unidades de medida de tempo (horas, minutos, segundos, dias, meses, anos, décadas etc.). Elas são ciclos que se renovam a intervalos regulares.

Nós adultos já incorporamos esses ciclos temporais como convenções. No entanto, as crianças, como o narrador de *Depois*, ainda estão construindo os conceitos de **permanência, movimento e transformação**. Somente ao se sentirem seguras de que certas coisas se mantêm intactas — como a manutenção dos laços familiares depois de uma briga ou de uma separação, ou a própria identidade depois de ganhar mais um ano (fazer aniversário) — é que, de fato, poderão crescer sem medo.

## NA SALA DE AULA

---

suas máximas: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Como a água, que se alterna entre os estados sólido, líquido e gasoso e que, portanto, parece ser uma e muitas concomitantemente, o tempo também se manifesta por meio de sinais que se modificam e se repetem na natureza. Perceber, como o protagonista de *Depois*, que as poças de água se formam após a chuva ou que as aulas são retomadas após as férias parecem, à primeira vista, coisas simples. No entanto, foram necessários muitos séculos para que os pensadores compreendessem observações como essas. E ainda seremos surpreendidos por outras teorias sobre a noção de transformação no tempo e no espaço; afinal, a humanidade redefine-se constantemente. Como dizia Galileu, o ponto de vista é crucial para falar sobre o mundo.

- 1 Para aproximar os alunos do sofisticado trabalho artístico das ilustrações, solicite a eles que produzam as próprias tabelas de cor, misturando pigmentos. Mais branco resultará em cores mais pastel; um pouco de magenta poderá dar vida a um tom mais quente. Complemente a atividade propondo que as crianças observem a natureza e seus diferentes tons de verde (um passeio no jardim da escola ou em uma praça próxima poderá render boas pesquisas). Peça-lhes então que, munidas de tintas de cores primárias, ciano (azul puro) e amarelo, produzam os próprios verdes. Elas certamente se surpreenderão com a quantidade de tons que vão surgir daí. Em seguida, convide-as a usar essas misturas para compor a folhagem de uma floresta imaginária. Essa atividade poderá ser feita em etapas e com o auxílio do professor de Artes.
- 2 Como o livro foi escrito na França, país que fica no hemisfério Norte, ao contrário do Brasil, localizado no hemisfério Sul, as estações do ano ocorrem em épocas diversas. Por exemplo, lá, o inverno começa no final do ano e aqui o frio se concentra nos meses de julho e agosto; o verão francês tem início em junho e o brasileiro, em dezembro. Portanto, esse é um tema pertinente, que suscita curiosidade e merece ser explorado. Converse com os alunos sobre a maneira como a Terra gira em torno do Sol e como a distância em relação a esse astro determina as estações. É interessante valorizar o conhecimento prévio das crianças sobre o tema, propondo que falem sobre as brincadeiras que mais fazem em cada uma das épocas do ano e que falem sobre as festas típicas, tomando como base o calendário escolar.
- 3 Com a ajuda do professor de Ciências, sugira exercícios práticos para que visualizem o movimento do Sol como indicativo da passagem do tempo. Para os menores, proponha que, em duplas, tracem com giz o contorno da sombra do colega no chão da quadra. Peça que repitam a atividade mais duas ou três vezes no mesmo dia em horários diferentes. Instigue-os a levantar hipóteses sobre o fato de a sombra ter mudado de lugar e aproveite a ocasião para retomar o

tema das estações do ano e da passagem do tempo. Para os maiores, proponha a construção de um relógio de Sol. Há vários modelos na internet, como um feito com garrafa pet. Disponível em: <[http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=aas&cod=\\_diaenoteconstrucaodeumr](http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=aas&cod=_diaenoteconstrucaodeumr)>. Acesso em: 11 ago. 2015.

## Para saber mais

### Para o professor

#### VÍDEOS

- *Apenas o começo* (Ce n'est qu'un début). Direção: Pierre Barougier e Jean-Pierre Pozzi. França, 2010. 97 min.

Documentário que mostra uma experiência de trabalho com temas filosóficos em Educação Infantil.

- *As delícias do jardim de Epicuro*. Produção: 02 Filmes e TV Cultura. Disponível em: <<https://youtu.be/7DqdPYkoRkA>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

Programa sobre ética, conduzido pelo professor José Américo Pessanha, que trata da estética da existência segundo Epicuro e outros filósofos da Antiguidade.

#### LIVROS

- EPICURO et al. Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Col. Os pensadores).

Antologia de textos de Epicuro e de outros importantes filósofos da Antiguidade.

- FITZGERALD, F. Scott. "O curioso caso de Benjamin Button". In: *Seis contos da era do jazz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Conto sobre um homem que nasce velho e, ao longo dos anos, vai rejuvenescendo. Inspirou filme homônimo, vencedor de três Oscars em 2008.

- WARBURTON, Nigel. *Uma breve história da filosofia*. São Paulo: L&PM, 2012.

Grandes pensadores da filosofia ocidental, a partir de Sócrates, em quarenta capítulos introdutórios que exploram ideias sobre o mundo e a melhor forma de viver nele.



- Quais são as marcas que caracterizam a estação do ano em que estamos agora? Mostre aos alunos a ilustração da página 30, em que o menino coleciona folhas e sementes que coletou em seu passeio pela floresta, e sugira uma expedição pela escola ou pelo bairro para catar “vestígios” da passagem do tempo. Folhas amareladas e ressecadas podem sinalizar a chegada do outono, assim como certas frutas pelo chão indicam a época da colheita dessas espécies. Faça posteriormente um levantamento sucinto das épocas em que certas frutas amadurecem e mostre-as aos alunos. Sugira que eles façam o mesmo em casa ou na escola, pesquisando as frutas da estação. Esse trabalho pode ser o início de um projeto mais amplo sobre as estações do ano.
- O aniversário é uma data importante para as crianças. Aproveite esse interesse para propor a construção de um calendário com todos os aniversários da turma, que pode servir como material didático fixado na parede da sala, para ser consultado regularmente. Além de ser uma representação fundamental da passagem do tempo, o calendário também pode despertar questionamentos como quem faz aniversário antes de quem, quais aniversários vêm depois das festas juninas e assim por diante, levando as crianças



## Para o aluno

### LIVROS

• QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Tempo de voo*. São Paulo: Comboio de Corda / Edições SM, 2009.

Diálogo entre uma criança e um homem idoso sobre a passagem do tempo e a percepção que as pessoas têm da memória e das etapas da vida. Poesia aliada à reflexão filosófica.

• ROMAGNOLI, Marcelo. *A criança mais velha do mundo*. São Paulo: Panda Books, 2013.

No dia de seu aniversário, uma menina faz reflexões sobre o tempo, o dia, a noite e o infinito. Com linguagem poética, o livro aproxima temas filosóficos da linguagem infantil.

• SERRES, Alain. *Agora*. São Paulo: Edições SM, 2012.

Mini-histórias se cruzam em um mesmo plano, mostrando as transformações que ocorrem em cada instante no cotidiano de um menino.

• VALDIVIA, Paloma. *É assim*. São Paulo: Edições SM, 2012.

O ciclo vida e morte é apresentado de maneira leve e poética, com foco na valorização do presente e da companhia dos outros.

a refletir sobre as noções de ordenação numérica, ciclos, unidades de medida e aspectos referentes à representação gráfica da passagem do tempo.

- 6 “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?” Essa expressão popular é na verdade um convite à filosofia. Como não há uma resposta certa para a questão, a tentativa de responder a ela é uma verdadeira ginástica mental, ao longo da qual a criança lançará mão de hipóteses sobre vida e morte, tempo e espaço, evolução e criação. Como no livro, em que o menino se dá conta de que da semente nasce uma flor, é possível mostrar aos alunos que do ovo surge a galinha, ao mesmo tempo que a galinha precede o ovo, pois é ela que o põe. Essa linha infinita para trás e para frente no tempo e no espaço permite que se fale com a turma sobre os difíceis e sofisticados conceitos de “antes” e “depois”, que, como visto neste guia de leitura, são o resultado de grandes esforços científicos e intelectuais da humanidade.



ELABORAÇÃO DO GUIA Beatriz Antunes (graduada em Filosofia pela Unicamp, estudante de Pedagogia no Instituto Singularidades e editora de literatura infantojuvenil); EDIÇÃO Graziela R. S. Costa Pinto; PREPARAÇÃO Marcia Menin; REVISÃO Carla Mello Moreira.